

MEMÓRIAS PARNAIBANAS: NARRATIVAS DE SOCIABILIDADES ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A 1950.

MARY ANGÉLICA COSTA TOURINHO^{1*}

INTRODUÇÃO

As histórias que vivem na memória de muitas pessoas na cidade de Parnaíba (Pi)², são as do apogeu de uma sociedade que viveu sob o fausto, impulsionada por uma marcante atividade comercial exportadora, desde o século XIX.

A vocação comercial exportadora, inicialmente marcada pela produção de charque, depois algodão, fumo, couro, sementes de origem extrativista, cresce, no início do século XX, com o comércio internacional de cera de carnaúba, as amêndoas e óleos. (FIGUEIREDO, 2006:27)

De modo geral, as narrativas anunciam essa **vocação** comercial, onde se desenvolveu um projeto a partir dos negócios com o charque e couro³, sendo ampliadas e diversificadas as iniciativas de caráter extrativo/exportadora, sob as graças de europeus, a princípio portugueses, e posteriormente, ingleses, franceses e alemães, até a chegada da decadência, quando a imagem de uma urbe dinâmica, em exportação e importação com a freqüente presença de estrangeiros, desaparece. O texto de Raimundo de Sousa de Lima⁴ é um bom exemplo, de como a história de Parnaíba é traduzida:

Comerciantes de larga experiência, apoiados na eficácia do sistema europeu, aqui começaram pelos Dias da Silva, portugueses de origem, ao implantarem seu movimento de charqueada localizado no Porto das Barcas. Então as coisas marcharam rápidas e equilibradas desde seu início. Anos depois chegaram os ingleses em seguida os franceses para, por último, se instalarem também os alemães, formando todos assim um bloco muito denso, cujo controle comercial passou a abranger não só toda extensão do Piauí como também áreas comerciáveis dos Estados vizinhos.

* Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, Doutoranda do programa de Pós Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis e bolsista FAPEPI

² No século XVIII foi criada uma Alfândega (1822) e Parnaíba foi erigida à categoria de cidade em 1844.

³ Ainda no século XVIII.

⁴ Escritor parnaibano, que além da obra, "Vareiros do Rio Parnaíba & outras histórias, colaborou com o Almanaque da Parnaíba a partir de 1937. Mesmo sem datar as suas memórias, identifica-se a temporalidade das mesmas, pelas referências do autor, no referido livro apresenta. Suas memórias se referem à infância e as mudanças que ele vai observando na cidade, ao longo da sua vida. Acompanha o apogeu e o declínio da economia da cidade, sustentada em uma economia extrativo/exportadora

A prosperidade repentina despontou por todos os lados, mas nem assim acompanhou, tanto como necessariamente, o impulso que o novo conceito de mercado veio marcar os anos subsequentes. (LIMA, 1987:24)

Como parte da minha pesquisa sobre mulheres e o mundo do comércio em Parnaíba, é de fundamental importância entender o contexto de construção, de recorrentes narrativas sobre a história da cidade – processo ainda no seu início - que, segundo se observa, nessas formulações, viveu em uma intensa marcha de progresso, entrando depois, em um sono profundo que precisa ser despertado. Ou seja, a cidade, erigiu e deixou um legado de memória marcante.

O tempo mais referido do trabalho se situa na primeira metade do século XX, por ser o momento em que diversas regiões do mundo se envolveram e sofreram de modo mais rápido, o impacto de discursos, que instigavam “hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão de economia de base científico-tecnológica.” (SEVCENKO, 1998:12-13).

É interessante entender como a cidade, através de alguns dos seus(suas) tradutores(as), percebia-se enquanto um espaço social diferenciado, em meio aos artefatos que os investimentos da economia local tornaram possíveis. Nesse trabalho, não se pretende esgotar a temática, apenas, apontar e problematizar, a respeito desse recorrente discurso que marca a imagem da sociedade local, em torno de primazias dos referendos de modernidade, possibilitando dessa forma, novas sociabilidades, na cidade de Parnaíba, entre as décadas de 1930⁵ e 1950, dando-se ênfase, neste trabalho, às manifestações festivas, que envolviam diferentes grupos sociais que se cruzavam em espaços demarcadores de sociabilidades, em meio às mudanças vividas pela cidade.

Parte da história de Parnaíba integra-se ao contexto das atividades que marcaram a vida econômica de localidades do norte e nordeste brasileiro, estimulada pela comercialização em larga escala, de produtos extrativos, como a borracha, no final do século XIX e na primeira metade do século XX.

A grande expansão – o boom da borracha – começa nessa época (1890). Não só as exportações aumentaram como ocorreu a formação de um pólo econômico regional.

⁵É parte de uma análise sobre o apogeu produtivo, e dos discursos de grandiosidade da cidade, o período Vargas, principalmente no contexto do Estado Novo (1937 – 1945), por conta dos discursos ufanistas e das ações ditas civilizatórias.

Até aí, os negócios se concentravam nas mãos de um pequeno grupo de intermediários portugueses e de algumas casas exportadoras estrangeiras. Com a expansão surgiu uma rede bancária, cresceu o número de intermediários e de casas importadoras de bens de consumo, daí resultando o crescimento de Belém e Manaus (FAUSTO, 2001:136).

Tal como Manaus e Belém, Parnaíba entra nessa ciranda de negócios, sendo o ponto propulsor da economia do Piauí. A princípio, com investimentos nos negócios de exportação de inúmeros produtos⁶, somando-se a eles a borracha de maniçoba⁷, embora, tenha sido a cera de carnaúba, o carro chefe de uma capitalização mais expressiva. Apesar da Casa Inglesa, fundada em 1849, ser uma das mais conhecidas nos negócios de importação e exportação, outras, algumas de pequeno porte, entraram na atividade da compra de produtos da terra ou do estado⁸.

A cidade, com uma pequena área urbanizada, vivenciara a presença estrangeira, que residia ou transitava pelo seu porto, com seus investimentos, o que contribuirá para a construção de uma imagem de progresso.

Sendo o principal pólo exportador e importador do Piauí, acaba por construir uma imagem de fausto, mesmo entre pessoas que não participaram desse momento, fosse por conta do acesso aos bens proporcionados por essa riqueza, ou, por conta da idade. Esse comportamento nos reporta a Pollack, quando se pergunta e responde:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.[...] É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou socialização histórica, ocorra um

⁶Nos anúncios das casas comerciais, feitos no Almanaque da Paranaíba, entre as décadas de 1930 a 1950 encontramos os mais variados produtos. Os principais eram a cera de carnaúba, babaçu, mamona, algodão e couro; outros sempre postos secundariamente eram: gergelim, goma, farinha de mandioca, cera de abelhas, crinas de animal, sementes de algodão, jaborandi, jalapa, resinas de jatobá e angico, peles de cabras, ovelhas e animais silvestres, polvilho, fibra de paco-paco, oiticica e cereais.

⁷ Segundo Terezinha Queiroz (1984, p. 29): “A exploração dos maniçobais, para a produção de borracha, inscreveu-se em limites históricos bastante precisos. Como atividade econômica generalizada nessa região, principalmente nas áreas semi-áridas, alcançou relativa importância entre 1897 e 1913. A partir de 1911 a tendência dos preços foi persistentemente decrescente, o que não desativou por completo a produção, mas, contribuiu para que diminuísse de forma progressiva. Na década de vinte a exportação era insignificante no conjunto da economia regional.”

⁸Esta é uma denominação comum, encontrada nos anúncios de firmas que negociavam cera, carnaúba, couros, etc.

fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada. (Pollack, 1992: 2)

A idéia da cidade que teve tudo, e que, passada a grande movimentação econômica, não soube ou não conseguiu continuar a crescer, dentro do modelo estabelecido naquele contexto, é marcante em textos produzidos por intelectuais com diferentes formações e temporalidades.

Os diferentes registros identificam um incremento econômico em Parnaíba, com investimentos mais materializados em infra-estrutura, entre o final do século XIX o início do século XX, até os anos de 1950 - com períodos de oscilação, decorrentes das necessidades do mercado externo, elemento norteador desse movimento – por ser o período de maior intensidade no mercado exportador. Nesse ínterim, muitos empreendimentos de ordem particular e pública, se constituíram em marcos dos investimentos proporcionados pelo capital decorrentes dessas atividades⁹.

Os grupos que dominavam a cena econômica e política em Parnaíba foram sistematicamente, investindo em instituições e empreendimentos, que viabilizassem a atividade extrativo/exportadora. No século XX, à medida que as atividades econômicas permitiam, e se constituía uma elite mais ilustrada, ciosa de investimentos, foram viabilizadas instituições e obras que traduziam o sentido de pertencimento da cidade ao mundo moderno. Em 1917 já contava com uma Associação Comercial e um Banco do Brasil; 1923, uma extensão de 147 Km de trilhos, ligando Parnaíba a Piracuruca (Pi); 1930 uma linha regular da *Nirbe Line*, que utilizava hidroaviões, dentre outros (MENDES, 2007).

São numerosos os textos que exaltam o seu perfil de progresso e desenvolvimento, ao longo da primeira metade do século XX, propugnando um progresso grandioso, a exemplo do que escreve Vicente Araújo, articulista do Almanaque da Parnaíba (1932:71):

⁹ “O crescimento das atividades da navegação fluvial transformará Parnaíba no empório comercial da Província. Em consequência desse desenvolvimento, que já se anunciava com a implantação de um sistema regular de navegação, a vila é elevada à categoria de cidade pela Lei Provincial n.º. 166, de 14 de agosto de 1844, e começa a atrair comerciantes que fixam casas comerciais, além do surgimento de outras instituições, que servirão de base de sustentação da navegação e da economia da Província como um todo: a “Casa Inglesa (1849); o Vice Consulado Português (1850); a Capitania dos Portos e Companhia de Aprendizes Marinheiros (1855); a construção do Farol da Pedra do Sal (1865); a Casa Marc Jacob (1873); Franklin Veras (1875) entre outros”. (MENDES, 2007:28)

Do Piauí, é ela o ponto principal do comércio; e nisto que está todo o seu futuro e valor. A sua vida é quase que completamente comercial, e para maior certeza disto, voltemos a vista para suas ruas, que infelizmente não são bem alinhadas posto que todas muito longas e de muito movimento.

[...]

Parnaíba não é uma cidade de futilidades: É a cidade do trabalho, da paz e do progresso; é a mola principal do Piauí; é a vida a cantar o hino do progresso no ruído dos automóveis, das máquinas industriais, no tumultuar das ruas, onde tudo se confunde, onde a miséria se ombreia com o fausto, o luxo com a modéstia, e onde a atividade incessante dos que trabalham enxota a insolência dos vis.

De qualquer forma Parnaíba progride e é a “Sentinela avançada do Piauí” nas grandes lutas do progresso. (Grifo Nosso)

Apesar do texto anterior, exaltar a vocação do trabalho, elementos de evidenciação da condição econômica da cidade “Sentinela avançada do Piauí”, podem ser percebidas, nas manifestações festivas e de lazer - da qual participavam diferentes elementos sociais da cidade - observadas também como importantes para elevação social dos seus habitantes. Os passeios na praça, as viagens de férias, as sessões do cinema; as atividades religiosas; o futebol e as diferentes festas, públicas ou privadas, também denotavam, nos textos memorialísticos, a importância que a cidade tinha, ou que deveria alcançar, por conta da sua decantada posição dentro do Estado do Piauí.

1 LAZER E FESTAS: sociabilidades e civilidades.

A modernidade se manifestou de diferentes formas no mundo, sendo a urbanização, com uma respectiva mudança comportamental, no uso das ferramentas e espaços de socialização, sua face mais perceptível.

Em Parnaíba se observam registros indicativos de mudanças urbanísticas desenvolvidas na cidade, como observa Diva Maria Freire Figueiredo¹⁰:

Na extremidade do rio Igarçu prevalece um conjunto de arquitetura luso-brasileira, com suas alvenarias de pedra e cal, faiança e ferro forjado, mesclada com a carnaúba e a telha vã, adaptadas ao meio e ao clima equatorial. Na extremidade oposta, a arquitetura ferroviária da década de 1940, expressa o novo tempo da expansão ferroviária do Brasil, acontecida no período de transição entre os séculos XIX e XX, responsável pela disseminação simultânea de inovações

¹⁰ A autora faz uma análise sobre a expansão do traçado urbano da cidade e também das mudanças urbanísticas, observando as influências e adequações desenvolvidas na arquitetura do centro da cidade de Parnaíba o do seu entorno.

técnicas e da introdução de materiais construtivos e decorativos, de produção seriada, na arquitetura tradicional brasileira. (FIGUEIREDO, 2006:29)

À medida que o século XX avançava, a cidade ia se urbanizando, entre o perímetro do Porto das Barcas, passando pela Avenida Getúlio Vargas¹¹, até a estação ferroviária, as Praças de Santo Antonio¹², e principalmente a Praça da Graça, que contava com a Igreja Matriz, e no mesmo perímetro, com a Igreja de São Benedito destinada em princípio para servir aos escravos; e as ruas que a circundavam, conforme registro do Almanaque da Parnaíba (1933:93):

Embelezamento urbano – O prefeito Ademar Neves iniciou o serviço de calçamento da cidade, a pedra tosca, já estando construída uma área de cerca de 20 mil metros quadrados, abrangendo a Praça da Matriz e as ruas Duque de Caxias, Câmara, 28 de Julho, Miranda, Glória, Braga, Souza Martins, Passeio, Sol, Visconde de Itaboraí, Riachuelo, Pires Ferreira, Marquês de Herval, praças Jonas Correia e 24 de Janeiro. Os serviços prosseguem, já tem sido gastos 130 contos de réis.

O espaço apontado no texto anterior era o centro da cidade, agregador de diferentes funções; era lugar de negócios, comércio e moradias, principalmente das famílias que tinham posses e/ou nomes tradicionais, ligados aos primórdios da ocupação da cidade. Como diz um dos nossos cronistas, Carlos Araken¹³, em suas reminiscências:

Morar no centro da cidade dava status. Centro, naquele tempo, compreendia um quadrado que fazia limites com a estrada de Ferro, o Porto Salgado, a Rua Grande, e o Mercado Público. Nessa estreita área viviam as grandes famílias de Parnaíba. Morar na Praça da Graça era o máximo. Podia se ter como vizinhos seu Roland (Jacob), os Neves ou seu Fontenele. A Rua Grande, hoje Presidente Vargas, era o supra- sumo (ARAKEN, 199:63)

O centro da cidade era espaço de transeuntes de diferentes fisionomias e funções. Trabalhadores(as) das firmas e casas de comércio, ambulantes, desocupados,

¹¹Anteriormente recebeu a denominação de Rua Grande e Avenida João Pessoa. Era a via que ligava o Porto à estação de trem. A mudança do nome para Getúlio Vargas foi uma homenagem a este Presidente. Ver: PASSOS, Caio. Cada rua sua história. Parnaíba, 1982.

¹²Urbanizada em 1937, na administração de Joaquim Antônio Gomes de Almeida. Sobre o assunto ver: SILVA, Maria da Penha Fonte e. Parnaíba minha terra – crônicas. Parnaíba, S. D.

¹³É médico cardiologista na cidade de Parnaíba e foi colaborador do Jornal “A Libertação”, de onde foram retiradas as crônicas, para a publicação do livro “Estórias de uma cidade muito amada”, utilizado nesse trabalho. A memória do autor é narrada, através de crônicas, que registram episódios da sua infância e adolescência, pelos dados que dispõe, entre o final da década de 1930, as décadas de 1940 e 1950.

consumidores(as) e mesmo os moradores(as) das casas residenciais que integravam esse conjunto.

Era uma verdadeira vitrine (a Praça da Graça), durante todas as horas do dia. Do amanhecer ao anoitecer, todo mundo achava um pretexto de passar por lá. Durante o dia os escolares, faziam grande alarido entre os intervalos de suas aulas. Os viajantes desocupados assinavam o ponto. Donas de casa que iam ao comércio e caixeirinhas sonhadoras se cruzavam. (ARAKEN, 1995:40)

O relato, além de demonstrar o movimento que era comum ao espaço, evidencia o centro da cidade como o local que concentrava sociabilidades, permissões e interdições. Também expunha possibilidades para alguns elementos sociais, moças casadoiras, atrás de um casamento, **caixeirinhas** que tinham o direito de sonhar, talvez, quem sabe... com a possibilidade de um dia serem elas, as boas senhoras de família da cidade, residindo em uma das belas casas do delimitado “centro.

Além de espaço demarcador de status, no centro localizava-se a principal praça da cidade, a da Graça, que além das funções já citadas, era também lugar de lazer, encontros, passeios, namoros e *flert*. Congregando inúmeras instituições de trabalho de lazer, é um lugar privilegiado no espaço da memória. Era lá, no centro, na praça e seu entorno, que as coisas aconteciam.

Fim de tarde os bancários se dirigiam pra “AABB”, e os primeiros namorados apareciam. Ao anoitecer o pessoal que se destinava ao Éden, desfilava por lá. Se a noite era de retreta, ao som da “furiosa” os flertes se sucediam. As donzelas casadouras volteando sem parar, escolhendo ou tentando ser escolhidas. Era uma verdadeira caçada. Depois das nove, quando não havia tertúlia na “AABB” “soltavam as onças”. Moça que se prezava sumia. (ARAKEN, 1995:40)

Dentro dessas dimensões (do centro), Parnaíba construiu, em grande parte, o significado de prosperidade diferenciada, em relação ao estado. As suas praças, com as casas que integravam o conjunto entre o Porto e a estrada de ferro e as ruas adjacentes, fundamentaram a sociabilidade permitida às pessoas de “boa família” e os limites “necessários”, ao bom trato social.

Além da praça em si, no perímetro desta concentravam-se, bares¹⁴, cinema, e os clubes. Eram locais frequentados por diferentes sujeitos sociais, além de ser o espaço mais concorrido das festas religiosas com as suas quermesses que vendiam “com bolo de fubá,

¹⁴ Dois são recorrentes em jornais e no Almanaque, anúncios do “Bar Pimpão” e o “Bar da Glória”, que também faziam as vezes de sorveteria, café e lanchonete. Uma curiosidade do “Bar Pimpão” é que, em 1930 já era servido somente por garçonetes.

alfinim, rebuçado de gengibre, tijolo de laranja, rolete de cana, castanhas de caju embrulhadas em calda de açúcar refinado e muitas outras guloseimas típicas da terra” (REBELO, s.d: 85); das festas cívicas e populares, como os desfiles estudantis e o carnaval. O compartilhamento do espaço, porém, não demandava uma igualdade de condições no usufruto da diversão, nem tampouco, um absoluto afastamento. As relações que se estabelecem nesse universo citadino, que vive mudanças urbanísticas, sem dúvida, também convivem com continuidades relacionais e comportamentais próprias de uma cidade pequena.

O cinema¹⁵, sem dúvida, ocupa um espaço privilegiado na narrativa dos memorialistas. Era um acontecimento, com preço e lugar social demarcado. Carlos Araken, referindo-se ao seu tempo de menino, entre o final dos anos de 1930 às décadas de 1940 exalta esse espaço de diversão. Um verdadeiro festejo domingueiro, depois da missa:

20, 30 Hs, de um domingo qualquer. Uma pequena multidão vai entrando pela porta principal do cinema. Senhoras em seus melhores trajes e jóias. Homens em sua fátiosa domingueira. Todos vão se acomodando e tomando os seus lugares na sala. Os camarotes do lado esquerdo, com placas de nomes tradicionais na cidade: os Campos Veras, os Mendonça Clark, os Neves da Silva, os Moraes Correia e muitos outros. Todos se cumprimentam e fazem acenos amigáveis. Um perfume bom paira no ar. Nos camarotes do lado direito a rapaziada da terra, comportada, de acordo com o ambiente, tenta localizar nos salões, namoradas retardatárias. Uma ou outra “mulher da vida”, se aventurava furtivamente a sentar no lado direito, junto aos homens. Na meia luz que precede a exibição da película, o silêncio é quebrado pelo barulho dos leques das damas, o farfalhar das sedas dos vestidos e o murmúrio civilizado do pessoal de boa linhagem. Um frisson toma conta da sala, o filme vai começar (ARAKEN, 1995:34)

Assim Parnaíba vai sendo apresentada, em seus diversos espaços de socialização, apontados como sinais de elevação da sua população, com distinções e vivências entre seus diferentes lugares e elementos sociais, formadores da sua gente.

Goethe Pires de Lima Rebêlo¹⁶, também é narrador de reminiscências sobre a cidade, praças e do cinema, respectivamente, como locais merecedores de registros, principalmente nas datas onde o festejar – como o Natal - envolviam grande parte da população:

À noite, antes da Missa do Galo, a multidão superlotava a praça (da Graça) e começava uma espécie de ritual que se repetia todos os anos. Todo mundo vestindo

¹⁵ Apesar da existência de outros cinemas, o Cine Teatro Éden, inaugurado em 15 de novembro de 1924, foi registrado de forma mais sistemática nas narrativas. Seu palco também era utilizado para apresentações teatrais.

¹⁶ Apresenta as suas memórias sobre a cidade de Parnaíba em diversas crônicas.

a melhor roupa que tinha, ocupava sua posição nas Praças. Os pais de famílias proeminentes, sentavam-se nos bancos do jardim, enquanto suas filhas, moças da sociedade, exibindo seus vestidos novos, feitos para ocasião e suas “prendas naturais”, circulavam num sentido, enquanto os rapazes circulavam em sentido contrário e, assim, podiam namorar por olhares amorosos, conforme o costume da terra e da época, tudo sob a “vigilância” dos respectivos pais. Somente aos que eram noivos permitia-se o namoro mais de perto. (REBÊLO:52)

O povo, mesmo sem credenciais de distinção, participa de diferentes manifestações festivas da cidade. Os festejos religiosos, os passeios, o carnaval e as sessões de cinema. Sobre o cinema, nosso cronista deixou demarcada a sua função de lazer, sem dúvida, bem como o a hierarquia social que marcava esse tempo e esta sociedade. Sendo sociabilidades usufruídas pelo público, logo, precisavam de alguma demarcação.

O Cine teatro Éden era um prédio antigo, com platéia dividida em duas partes: a de baixo, mais próxima da tela de projeção, reservava-se para a “segunda classe” que pagava pela entrada metade do preço de “primeira classe”. A “primeira classe” ocupava os outros dois terços da lotação de baixo, separada da “segunda classe” por uma pequena grade de madeira, com um portãozinho no meio. A parte de cima compunha-se duas alas de camarotes laterais, sustentados no alto das paredes por pilastras que se reforçam com travessas juntos às paredes. (REBÊLO: 52)

O acesso aos bens de civilidade de sociabilidades, partilhados por uma mesma comunidade cidadina estabelecem encontros, mas as fronteiras estão lá e podem ser de diferente natureza. A decoração do lugar, comportamentos, ou até mesmo o tipo de iluminação que acompanhavam uma determinada festa, demarcavam ambientes e status. O relato de Araken sobre o Clube Cassino 24 de Janeiro¹⁷, espaço social que congregava o que à época, era a elite da cidade, apresenta estas demarcações:

Dava gosto ir num baile do Cassino! O assoalho de tábua corrida brilhando, tudo muito bonito, muito limpo. A iluminação era feérica. Ainda não entrara na moda a meia luz nos clubes sociais. Isto era coisa de ambientes escusos: cabarés para ser mais exato. As mesas das janelas eram as mais disputadas, e seus ocupantes confraternizavam-se no decorrer do baile, com a turma do “serêno”. (ARAKEN, 1995: p. 42)

As festas, que escapavam ao restrito espaço do “privado”, em que aconteciam, costumavam ser acompanhadas, pelo atento olhar de curiosos, sendo essa prática denominada

¹⁷ Assim como o Cine Teatro Éden, o Cassino 24 de Janeiro - fundado em no mesmo dia do seu nome no ano de 1925 e funcionava na Avenida Presidente Vargas – é o que mais aparece nas narrativas dos memorialistas, e na memória reificada da cidade. Além dele, no Almanaque da Parnaíba (1932, p: 107), encontramos uma alusão ao “Grêmio Recreativo de Parnaíba”.

localmente de sereno. Sobre esse hábito, embora tenhamos diferentes relatos, destacamos, pelo detalhe e olhar de estranhamento, o de Carlos Penna Botto¹⁸ (1931:136):

O “serêno” significava a assistência não - oficial “extra - muros”, que tem toda e qualquer festa pública ou privada, de certa monta.

Essa assistência fica ao relento, no “serêno”, junto e defronte às janelas e portas da casa onde se realiza a festa.

Às vezes o serêno é maior do que a própria festa.

O autor prossegue a sua descrição, explicando, que, mesmo os que podiam ir às festas, participavam ocasionalmente do sereno, com o uso providencial de uma “tesoura”, (BOTTO, 1931) o que poderia significar, o quanto era limitado esse mundo de inovações, regularizado e regulador de relações e comportamentos, partilhados por diferentes grupos sociais.

Em se tratando do festejar, dois registros são indispensáveis, o Carnaval e os festejos juninos. Os relatos sobre as festas dos clubes e as que se realizavam em praça pública seguiam a lógica das inúmeras distinções e aproximações. A festa do clube exigia fantasias e blocos devidamente organizados¹⁹, além de confetes, serpentinas e rodós, acessórios indispensáveis, comprados nas lojas. Na rua, o desfile do curso, apanágio dos que tinham acesso a um automóvel. Entre o povo, a água, tinta e a chacota da ordem e blocos com fantasias mais simples. No Jornal “O Norte” (25, fev. 1944), em um artigo intitulado “Recordar é viver”²⁰, temos um relato desse festejo momesco, onde o povo assistia aos desfiles de curso²¹, mas, também ensejava uma ordem própria à comemoração: [...] “os Clubes carnavalescos de mascarados, atirando aos transeuntes cabacinhas de cera cheias de perfume, água e tintas de cores berrantes, criticando os atos políticos, comerciais e administrativos e algumas vezes familiares”. Zélia Lopes da Silva, em sua análise sobre o

¹⁸ É autor do Livro *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1931. Faz uma crítica mordaz dos modos e da infra-estrutura que se depara quando chega a Parnaíba, proveniente do Rio de Janeiro, para assumir o cargo de Capitão dos Portos do Estado do Piauí.

¹⁹ No Almanaque da Parnaíba de 1932, 1934 e 1934, encontramos um registro iconográfico de blocos ou grupos que usavam fantasias iguais. Registrou-se o “Grupo das Bolonezas”, que haviam marcado presença no Carnaval de 1931, de um grupo de crianças “soldadinhos da saúde” que se fantasiaram para o baile infantil do Clube Cassino 24 de Janeiro e de participantes do “Bloco Boa Bela” no ano de 1934.

²⁰ Não conseguimos identificar o autor por conta das péssimas condições de conservação do jornal.

²¹ Encontramos um registro iconográfico do desfile do curso em Parnaíba. Na parte inferior da foto a seguinte inscrição: “Parnaíba – Movimentado domingo de Carnaval” (Almanaque da Parnaíba, 1937, p. 61)

carnaval afro-paulistano, analisa um contexto que encontra identificação com o carnaval de Parnaíba:

Até 1850, o carnaval era chamado de Entrudo e compunha-se de diversos jogos que, desde o século XVII, dividiram a opinião das elites e autoridades, que passaram a considerá-los “perigosos, sujos e grosseiros”. Em meados do século XIX, esses jogos dividiram os espaços com o chamado ‘carnaval elegante’ – composto de bailes de máscaras, dos “préstitos” das grandes sociedades carnavalescas que exibiam ricos carros alegóricos, e do curso de carros enfeitados – praticado pelas famílias endinheiradas, em sintonia com seus desejos de refinamento e de adesão aos parâmetros de modernidade que se projetavam no país. (Silva, 2012: 45-46)

Em que pese as peculiaridades locais, a análise vai de encontro à realidade da cidade de Parnaíba, que, mesmo com uma dimensão menor, em relação à cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, buscava uma identificação com o ‘carnaval elegante’ praticado nas grandes cidades, embora, mantivesse os jogos “perigosos, sujos e grosseiros”.

O autor do artigo “recordar é viver” continua entre as suas reminiscências, a relatar um diversificado universo festivo da cidade de Parnaíba que ainda mantinha manifestações que fugiam às recentes e modernas influências europeizadas:

Qual o jovem “quebra-costa” que não recorda dos papagaios da meninada pela rua, da “Chegança” do Isidro Mulato; do “Marujo” do Benedito Bombeiro; dos “Congos” do Pedro Cambota; do “Boi do São João” do {...}; dos blocos carnavalescos do Zecadeira; [...] (O Norte, 25, fev. 1944).

Apesar das diferentes fronteiras, comuns às sociedades estratificadas por distintos referenciais, a população, desprovida das insígnias de distinção - designada pelo sobrenome, e, quando estrangeiro, pela atividade que desenvolvia - era parte da cidade e, de alguma forma, aparecem nos registros sobre a mesma.

As festas populares conseguiam “invadir” o cotidiano do requinte e da civilidade propugnados pela modernidade, constituindo emaranhados entre os diferentes sujeitos sociais da cidade. No artigo intitulado “O São João da minha terra” José Onofre de Melo, escrevendo no Almanaque da Parnaíba (1940, p. 270), observa costumes, que embora ele denomine como “costumes do caboclo da minha terra”, podem apresentar uma abrangência social mais ampla. Se “os lindos fogos de artifício” são exclusivos dos que têm poder aquisitivo, a fogueira é partilhada como símbolo importante desses festejos juninos. Nela se firmavam compadrios e possibilidades de adivinhações, principalmente para àquelas que buscavam um casamento, independente, de condição social. E, embora a brincadeira do boi, visto pelo referido autor,

como elemento próprio do caboclo dos “arrabaldes” da cidade de Parnaíba - posto que é este caboclo o brincante e organizador da brincadeira - será nos senhores capitalistas locais que os donos da brincadeira vão buscar apoio financeiro, e em agradecimento, dançam nas portas desses patronos, rompendo o limite espacial da periferia.

Portanto, aproximações se sucedem, em meio aos encontros festivos. Penna Botto, autor/observador, com o olhar do estranhamento, ao nos conceder um registro raro de clubes de Parnaíba, que eram frequentados pela população pobre, e não raras vezes, também, pelos filhos da elite local, - o que scandalizou bastante o nosso observador, nos idos de 1930 – também traz evidências de situações que traduzem esse complexo mundo relacional do festejar:

Não há preconceitos de casta e de posição social.

É admirável, confesso, se bem que em muito desacordo, com os meus hábitos anti-comunistas!

Conflitos de raça também não existem.

Branços, sírios, pardavascos de todas as nuanças. E até mesmo pretos retintos, vivem em perenal confraternização...

Vi em Parnahyba – “horresco referens!” – moças brancas e de boa estirpe enlaçadas por mulatos escuros e suarentos, em valsas e fox-trots, nos clubes sociais e em festas particulares. Vi moças brancas casadas com pretos! Vi gente de posição, e altamente cotada na cidade, entrar no Clube dos “Terríveis” – o clube dos caboclos e das caboclas!

Soube que cabôclas empregadas como arrumadeiras e copeiras em casas particulares dançavam livre e alegremente nos “Terríveis”, ou no clube “Artístico”, com os filhos dos seus patrões.

“Coronéis” respeitáveis abrilhantavam com a sua presença reuniões as mais modestas (BOTTO, 1931:116)

O relato, é claro, soa radical. Em uma sociedade, onde o apadrinhamento do Coronel e do patrão eram presenças evidentes nas relações sociais, o transpor superficial e momentânea de determinadas fronteiras, poderia criar a falsa ideia de igualdade, em um leitor que não conseguia, em um curto espaço de tempo, ler profundamente a sociedade local. Outros relatos, semelhantes a esse, são feitos pelos filhos da terra e demonstram que, aproximar-se e sentir-se igual, podem não ser necessariamente as mesmas coisas. É preciso entender os cenários, como observa Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008: 80-81):

[...] os cenários não são apenas matéria para a descrição, mas são fruto de montagem, de disposição de um conjunto de materiais, de efeitos, de relações entre coisas e práticas humanas que as põe em conexão, que as retiram do seu isolamento e as fazem funcionar a serviço da produção de um sentido. Se cada corpo ou coisa tem seu lugar, ocupa um lugar, só se tornam espaços, só formam espaços, no entanto, quando conectados por práticas; quando reunidos numa trama, quando a

serviço de um enredo; enredo formado por liames quase sempre invisíveis; por teias que os amarram numa totalidade passageira, que têm, porém, uma duração variável, intervalos de tempo em que essas configurações passam a existir e os desenhos realizados pelas disposições dos lugares e de suas relações, se realizam.

Os limites do lazer e do festejar, entre diferentes sujeitos, têm fronteiras complexas e temporalidades díspares. É preciso argúcia para perceber os jogos de poder e as astúcias, engendradas, entre os diferentes envolvidos na cena e na ação. São inúmeros os elementos que se imiscuem nessa ordem. Consensos, conflitos, partilhas, hierarquias, que não excluem imposições de um grupo que dita regras do “bem viver”, da decência e o ser “civilizado”. Os passeios na praça, o lugar e o preço do ingresso em um local de diversão; a maneira, o local, a fantasia nas festas e brincadeiras carnavalescas e juninas, não são somente o divertir despretenso. São também espaços de expressão e significação de sentidos e pertencimentos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Edições Bagaço, Recife: 2008,
- CORREIA, Benedicto Jonas & LIMA, Benedicto dos Santos. *O Livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1946.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001
- FIGUEIREDO, Diva Maria Freire. *Arquitetura e urbanismo no Piauí: formação e identidade*. In ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de Araújo & EUGÊNIO, João Kennedy (org). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. França: Biblioteca Vértice, 1990.
- MENDES, Iweltman. *Parnaíba: educação e sociedade (da colonização ao fim do Estado Novo)*. Parnaíba: SIEART, 2007.
- NUNES, Maria Cecília S. da Almeida. *A influência britânica em Parnaíba Pi*. In ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno & EUGÊNIO, João Kennedy (org). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006.
- POLLAC, Michael. *Memórias e identidade social*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992p. 200 212.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In NOVAIS, FERNANDO & SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Zélia Lopes da. *A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Diálogos – Online, v. 16, dez. 2012.

MEMORIALISTAS

ARAKEN, Carlos. *Estórias de uma cidade muito amada*. Parnaíba: 1995.

BOTTO, Penna. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

LIMA, Raimundo de Sousa. *Vareiros do rio Parnaíba & outras histórias*. Parnaíba: Secretaria da Cultura Desportos e Turismo. Fundação de Cultura do Piauí, 1987.

MACHADO, Yeda de Moraes Souza. Joaz e Joanete. *Uma história de vida ... e amor*. Parnaíba: SIEART, 2010.

PASSOS, Caio. *Casa rua sua história*. Parnaíba: 1982

REBELO, Gotehe Pires de Lima. *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre Parnaíba antiga*. Rio de Janeiro: ADOIS, [S.D.]

SILVA, Maria Penha Fonte. *Parnaíba minha terra (cônicas)*. Parnaíba: S. D.

ALMANAQUES

Almanaque da Parnaíba. Parnaíba: Gráfica Renascença, 1932.

Almanaque da Parnaíba. Parnaíba: Gráfica Renascença, 1933.

Almanaque da Parnaíba. Gráfica Renascença, 1934

JORNAIS

Jornal O Norte, 25, fev. 1944